

Consciência Linguística em Cokwe: estudo realizado aos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo (Angola)

José Corindo Muaquixe *

 <https://orcid.org/0000-0003-3179-5814>

Resumo: O presente artigo com o título “Consciência Linguística em Cokwe: estudo realizado aos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo”, resulta de uma investigação feita com o objetivo de compreender a dimensão da consciência linguística em Cokwe aos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo. Orientamo-nos pelos seguintes questionamentos: 1-como contribuir para o desenvolvimento da consciência linguística em Cokwe aos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue? 2- Será que a inclusão do Cokwe como uma das línguas de ensino poderia impulsionar o processo de ensino-aprendizagem? A nossa investigação é de natureza descritiva, tendo resultados quantitativos e qualitativos com implicância no uso de questionários aos pais e entrevista aos seus filhos. Para alcançarmos os objetivos preconizados, utilizamos métodos como a observação, descrição e indução-dedução. Os resultados obtidos nesta pesquisa, indicam que, a língua Cokwe tem sido muito estigmatizada pelas famílias, ou seja, existe um grande preconceito linguístico para com a mesma por parte dos cidadãos da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo. As escolas e os pais dificilmente incentivam o uso da língua Cokwe. Com a revisão bibliográfica, pareceu-nos notória a insuficiência de políticas públicas do Estado que visam promover o uso, de facto, não apenas do Cokwe, mas de todas as línguas africanas de Angola.

Palavras-chave: Consciência Linguística; Línguas Angolanas; Língua Cokwe

Linguistic Awareness in Cokwe: a study carried out with the citizens of Zone 1 of the Musungue/Dundo Centrality (Angola)

Abstract: The presente article with the title “linguistic conscience in Cokwe: The study carried out to the citizens of the centrality Zone 1 of the Musungue/Dundo the result of an investigation carried out with the aim of understanding the dimension of linguistic awarwness in Cokwe with the citizens of the Centrality Zone-1 of the Musungue/Dundo. We are guided by the following questions: 1-how to contribute to the development of linguistic awareness in Cokwe for the residents of Zone 1 of the Centrality of Musungue? 2- Could the inclusion of Cokwe as one of the teaching languages boost the teaching-learning process? Our investigation is about descriptine in nature, having the positive and quantitative result with the implication in the use of questionnaire to the parents and the interview from the children. To achieve the recommended goals, we use the methods such as observation, description and induction-diduction. The results obtained in this research, indicate that the Cokwe language has been stigmatized by the families, there is a great linguistic prejudice. With the same parte of the citizens of the centrality zone-1 of the Musungue/Dundo. The school and parents hardly encourage the use of the Cokwe language. With the bibliografic review we seen to notice the unsufficiency of public policies of the state that provide for the use, in fact, not just from Cokwe, but from all of Angola's African languages.

Keywords: linguistic awareness; Angolan languages; Cokwe language.

* Licenciado, Professor de Língua Portuguesa, Escola Pedagógica da Lunda Norte da Universidade Lueji A'Nkonde/Angola. Email: josemuaquixe@gmail.com

Malindjekela a laka lia Cokwe: kukimba malongeso akimbile kuli enha lia mu limbo litango (1) lia ku musunge wa ndundu (Angola)

Mugimbu¹: Isoneko ino ili nyi cikuma ca “Malindjekela a laka lia Cokwe: kukimba malongeso akimbile kuli enha lia mu limbo litango (1) lia ku musunge wa Ndundu” cina katukila ha kukimba cinakalingiwa nyi cikuma ca ulumbunuiso wa ku zazuluka ca malindjekela a laka lia Cokwe kuli enha lia um cihunda citangu(1) ca musungue wa Ndundu. Cino kukimba cetu cili ca cilika ca isoneko makazuka kuca ca mianda yia yiwape hanji yia utotombwa hamwe nyi we unjiha kulimika ku kuzuka ca ihendeleko anji yhula kuli atata nyi kuteta ca yhunda kuli ana. Tunakailinga nyi kuzuka ha kotalatala há kusunewa nyi kumanununa hamwe nyi kuhembula maseliekela ha kwa sekulula. Ha kulwala há kuca ca kuzuka ca ino inatuxindakenha ngenhi la lia Cokwe liakupwa kulelesa kuli amwe asoko, handji kwatwama kaliambila munene wa uleleso wa ihandjika lia liji lino enha limbo lia um cihunda ca musunge mutangu wa Ndundu. Ha kutwala ku ma xicola hamwe nyi atata cakupwa cakaxi kusongwela há kutwala ku zuka ca liji lia Cokwe. Ha kuhembujola ca isoneko yiekha nyi yiekha yia tusolekela nyi uningikiso wa kuhona ca mangana a um undji waze te mahasa kufumbuisa ca kuzuka ca kupwa ca malaka akwa África um cifuci ca Angola.

Xindakenio yiaco: Malindjekela a ihandjika; Malaka a mu Angola; Laka lyia Cokwe.

Introdução

O presente trabalho vem dar subsídios sobre a consciência linguística em Cokwe aos residentes da Zona 1 da Centralidade do Musungue. Este trabalho é mais um tratado que visa exaltar e emancipar a reflexão sobre as línguas africanas de Angola, em particular, o Cokwe, sobre o valor e o estatuto que lhe é negado nas zonas consideradas “Grandes Centros Urbanos”. Pois, muitos cidadãos abdicaram-se de falar a mesma, formando, assim, um constructo de que é uma língua sem importância no mundo globalizado, fator que debilita a conscientização dela no dia-a-dia dos falantes, legitimando o português como a única língua da sociedade, ou seja, de transmissão de informações pela gente culta.

De lembrar que qualquer língua sempre carrega consigo um valor cultural dentro duma sociedade. Cabe à população preservá-la para que seja disseminada de geração a geração. Justificamos a elaboração desta pesquisa, por causa da observação empírica que vimos fazendo durante a nossa trajetória acadêmica, assim como cidadão numa das zonas consideradas nobres da cidade do Dundo, estamos a nos referir sobre o bairro Centro Urbano. Nas escolas, há um grande índice de insucesso motivado pela transmissão de matérias, exclusivamente, em Língua Portuguesa (LP), mesmo quando a realidade vem mostrar que, a maioria das crianças tem a LP como L2. Por isso, sugere-se que as matérias sejam, também, transmitidas em Cokwe, implicando assim um conjunto

¹ Tradução feita pelo autor.

de políticas linguísticas eficientes e eficazes satisfazendo o contexto da província da Lunda Norte. E como cidadãos, a nossa justificativa recai pelo fato, tal como já dissemos anteriormente, de sermos residentes no Centro Urbano da cidade do Dundo, uma vez que, o conhecimento que temos sobre o tratamento de línguas nacionais, pelo Estado angolano, dão conta de existência de uma certa desvalorização ou estigmatização da língua Cokwe.

Com esta pesquisa, levantamos os seguintes questionamentos: 1- como contribuir para o desenvolvimento da consciência linguística em Cokwe aos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue? 2- Será que a inclusão do Cokwe como uma das línguas de ensino poderia impulsionar o processo de ensino-aprendizagem? Guiamo-nos com o seguinte objetivo geral: compreender a dimensão da consciência linguística em Cokwe aos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo. Sendo o específico: refletir sobre a necessidade de criação de ambientes sociais para a emancipação do uso da língua Cokwe.

Este trabalho está estruturado por três (3) seção o primeiro, fundamentamos sobre as línguas africanas de Angola tendo em conta o seu ensino-aprendizagem ao abrigo das políticas do Estado angolano, o preconceito linguístico manifestado sobre as línguas angolanas, concretamente o Cokwe e a necessidade da construção da consciência linguística nesse idioma por parte dos cidadãos da Zona 1 da Centralidade do Musungue. O segundo fizemos uma incursão sobre a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho. O terceiro, e último, fizemos a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos a partir do questionário aplicado aos pais e encarregados de educação, assim como dados da entrevista aplicada aos seus filhos.

As Línguas Africanas de Angola

Em Angola, a Língua Portuguesa (LP) desempenha diversas funções (desde língua oficial, veicular, primeira e segunda). Desse modo, a ineficiência de políticas de Estado que visem valorizar a diversidade linguística, tem permitido que a LP vá se sobrepondo as demais línguas faladas na Lunda Norte, o caso do Cokwe. A supremacia de LP para com as demais línguas é tida como uma das consequências do regime colonial português que, pela sua força, implementou hábitos, costumes e, sobretudo valores portugueses, em detrimento dos hábitos e costumes e tudo que tem a ver com os angolanos. Pois, a colonização, em Angola, visava enraizar a civilização portuguesa, tal

processo ocorreu com a presença do colono e tropa portuguesa em todo o território nacional, (Mpanzu, 2018).

Mas, as línguas africanas de Angola sobreviveram, mesmo sendo fortemente proibidas ao uso social, tal como espelhava o célebre (Decreto 17.12.1921, de Norton de Matos). Assim sendo, hoje, Angola é um mosaico linguístico que alberga diversas línguas africanas subdivididas entre línguas Khoi-San e dos Vátua (faladas por povos não Bantu) e línguas bantu (faladas e características do povo Bantu). Decerto é que a Língua Cokwe tem resistido da pressão, fruto de algumas famílias conservadoras, principalmente, nas zonas rurais e suburbanas, pois, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016) sobre Censo 2014, "O Cokwe² é a língua mais falada na província com 62%". (p. 39).

Sobre as línguas Khoi-San, Undolo (2016) diz não haver uma certeza do número real ou quantidade de línguas de origem Khoi-San. Uma vez que são, sobretudo, faladas nos dias de hoje, em território mediado por deserto do Calahari (Namíbia, Botswana e África do Sul) e, têm uma representatividade linguística menor da África Austral. No entanto, perspectiva-se, também, que os Khoi-San em Angola são, nos nossos dias, cerca de 8.000 indivíduos que alguns deles localizados na região do Mupa, numa zona de influência do grupo etnolinguístico ambó e no Baixo Cunene. Destacam-se como línguas destes povos, nomeadamente kankala (bosquímano) e vakankala (hotentote), estas, por sua vez, têm como variantes: kankala (bosquímano), hotentote, kazama, kasekele e kwankala. Por outra, para o povo vátua, as línguas características são kwisi e kwepe (Zau, 2011).

Tendo em conta que as línguas bantu em Angola estão espalhados em diversos pontos, representam o maior número de línguas faladas no território angolano, Undolo (2016) cita Rendinha (1975), Kukanda (1986), Fernandes e Ntondo (2002) quando asseveram que em Angola fala-se nove línguas bantu (Cokwe, Kimbundo, Kikongo, Ngangela, Nyaneka, Helelo, Kwanyama, Oxindonga e Umbundo), todavia, esta ideia sofreu uma posição contraposta pelo Lusakalalu (2005) quando olha Angola como mosaico que alberga 64 línguas. Neste quadro de divergências de ideias, o mesmo autor vai mais ao fundo quando nos seus postulados afirma que é a falta de investimento em

² O Cokwe é a língua mais falada na Lunda Norte, seguindo-se o português com cerca de 60%. Para além do Cokwe, há outras línguas africanas nesta região como Ciluba, Ulunda, Ukongo, entre outras. Desse modo, implica uma política linguística de ensino adaptada à realidade e não haver generalização. Estes dois factores podem estar na base das dificuldades de produção textual nos alunos.

estudos mais delicados e profundos sobre as línguas que caracterizam as 18 províncias de Angola e a delimitação entre dialeto e língua que está na base destas divergências. Para ele, é suposto que no território angolano existissem mais de 100 línguas, uma abordagem que concordamos.

As províncias de Angola são mosaicos etnolinguísticos e culturais formados por diversos grupos e subgrupos, não é de bom grado afirmar que num mosaico constituído por variadas etnias tenham simplesmente 9 línguas, tal como Rendinha e outros autores afirmam. As especificidades da Lunda Norte mostram que, neste território, se falam mais de 9 línguas da família bantu, a saber: Cokwe, Xinge, Lunda, Ciluba, Ukhongo, Matapa, Holo, Khari, Bondo, Bángala, Musuco. Dentre todas as línguas faladas na Lunda Norte, Cokwe é a que mais se fala nesse território por razões óbvias que dispensam vários comentários sociolinguísticos. Voltando para a questão de estudos aprofundados levantada pelo professor Undolo, pensamos que é uma via imperativa para apurar sobre o real número de línguas africanas faladas em Angola.

Ensino-aprendizagem de línguas africanas de Angola

Durante a época em que Angola estava sob custódia do colono português, a única língua que servia como veículo no ensino era a LP, as línguas africanas de Angola foram, de tal modo, sobrepujadas pela imposição linguística do português. A depreciação de Línguas Africanas de Angola levou o colono até à dimensão de ensinar nas escolas línguas não africanas, a citar o alemão, o francês, o inglês. (Mingas, 2000). Normalmente, este processo de ensino incitado pelos portugueses fez parecer que as línguas europeias tivessem mais relevância, tendo em conta os seus interesses, e podiam ser estudadas e exaltadas pelos angolanos mais do que as suas próprias línguas (línguas nativas).

Não obstante, a depreciação das línguas nativas na época colonial, nas escolas dirigidas pelos missionários protestantes essas línguas eram ensinadas apesar da falta de apoio do estado e, por consequência, às vezes, as escolas eram encerradas por assim entenderem que promoviam, exaltavam hábitos e cultura dos africanos. (Miguel, 2003). A língua que podia ser legitimada na sociedade angolana na época colonial era o português, e todas as línguas nativas perderam o que lhes era de alcance ou autoridade. Ainda é prematuro avançar que temos definição no ensino-aprendizagem de línguas africanas de Angola. Não se compreende qual meta se quer alcançar, tendo em conta às

necessidades pertinentes de adoção de línguas africanas de Angola em cada situação linguística como também língua de ensino, não como disciplina com carência de professores que podiam conciliar meios de ensino e métodos que direta ou indiretamente adequam ao ensino de língua.

Professor Undolo (2020) já identificou que em Angola, em grande escala, não há uma política clara e precisa de ensino, há professores sem uma qualificação científico-pedagógica, sem formação credível em Linguística Bantu ou em didática de português e literatura a serem titulados como facilitadores do ensino de português. Este fenómeno, para as línguas africanas, precisamente, Cokwe, não é empírico afirmar que existe professores sem formação que corresponde a ensino de Cokwe, as pesquisas de teorias de aprendizagem que dão respostas a assuntos ligados ao ensino de Cokwe como L1 ou L2, uma coisa é falar uma língua e a outra é ensinar a língua, parece existir um equívoco que falar a língua como algo seja igual a ensinar a língua.

Como sabemos, um ensino qualitativo de língua, implica professores com competências de dar respostas às demandas do currículo, material adequado para o efeito, métodos que vão ao encontro sobre o tipo de ensino, satisfazendo o contexto socio-cultural do aprendente. Outrossim, o ensino qualitativo de língua depende também da programação e o seu processo de operacionalização, quer dizer que um programa agrupa ou apresenta sucessão de acções educativas organizadas para o alcance de objectivos pré-determinados, há no nosso contexto de ensino de Cokwe, programa fragmentado de conteúdos que não respondem às necessidades primárias de ensino-aprendizagem, programa recheado de terminologias assente ao tradicionalismo, como por exemplo:

É preciso que o ensino de Cokwe tenha uma posição que vai ao encontro das metodologias linguísticas ligadas à adequação de estratégias, conciliação de programas que absolutamente vão responder ao que é indispensável para aprendizagem explícita do aluno no seio escolar. Ao mesmo tempo refletir, também, sobre a psicologia educacional, o uso de meios ou material didáctico que se ajustar ao ensino de Cokwe, a filosofia de educação, a clareza de objectivos educativos e, o conhecimento sobre o que é necessário para o ensino da Língua Cokwe. À semelhança do que já referimos atrás, Gaspar (2015) olha o ensino de línguas como um processo que precisa, obrigatoriamente, de ser refletido antes da sua implementação. É preciso pensar como, onde e o que se pretende ensinar para desenvolver competências linguísticas e comunicativas, assim como adotar

estratégias de excelência e a preparação de programas que vão de acordo com as necessidades dos alunos.

À luz da Lei nº32/20 que altera Lei nº17/16, no seu Art.º 16.º, destaca que, "em qualquer subsistema de ensino se pode utilizar as demais línguas de Angola". Na sua 4ª alínea está plasmada que "o estado promove políticas públicas para a inserção e a massificação de ensino das principais línguas de comunicação internacional, nomeadamente o inglês e francês". Ainda na 5ª alínea está postulado que "as escolas dos estrangeiros existentes em Angola devem ministrar aulas nas suas respetivas línguas oficiais sem prejuízo de ensino de LP, Literatura Angolana, História e Geografia de Angola para a integração sociocultural dos seus alunos". Pelo que entendemos, o estado angolano nas políticas de ensino de línguas que traça, privilegia mais línguas europeias (inglês e francês) do que qualquer língua africana de Angola, nas escolas angolanas se podem estudar francês e inglês, mas nas escolas estrangeiras localizadas em Angola não se pode ensinar nenhuma língua africana de Angola. Claramente, a desvalorização das línguas angolanas vigora até ao momento, fenómeno motivado pelo estado angolano, ao que se pode perceber a partir da legislação em vigor e citado por nós aqui, nas linhas acima.

Diante do que estamos a nos referir sobre o ensino-aprendizagem das línguas africanas de Angola, está a questão que não se quer calar: por que é que o estado angolano continua a ter o português como a única língua oficial? Os países vizinhos como a República Democrática do Congo e Congo Brazzaville, bem como nos PALOP, Moçambique e Cabo Verde, já se deu passos significativos sobre a inclusão e valorização das línguas africanas, quer a nível do ensino, social como político (Baveca, 2021). E, já, é hora de Angola fazer levantamento sobre a situação real linguística de todo o território nacional, reforçar a área de formação de professores de línguas africanas com metodologias adequadas, produção de materiais e programas bilingues que dão respostas ao ensino de línguas nacionais, difusão do plurilinguismo angolano e, sobretudo, olhar as suas línguas africanas como herança da sociedade que precisa ser explorada.

Enquanto não houver ambientes propriamente ditos que estimulem o ensino-aprendizagem do Cokwe, também a sua afirmação estará sempre condicionada. Quando nos referimos sobre ambientes propriamente ditos, pensamos que sejam aqueles que posicionam o aluno como sujeito ativo na aprendizagem do Cokwe, ambientes com

programas que facilitam refletir sobre a língua não sobre receitas de tradução de palavras de Cokwe para português.

O preconceito linguístico

Para o caso de Angola, o preconceito linguístico é um fenômeno real criado pela colonização em diversos pontos do país. De acordo com Silva *et al.* (2011) citado por Undolo (2016, pp. 37-38) consideram que o vazio que o mapa linguístico de algumas partes de Angola apresenta, resultou de “genocídio cultural promovido pelo regime colonial, fato que provocou o preconceito social pelo uso das línguas autóctones nos grandes centros urbanos, onde a cultura portuguesa exerceu grande influência no comportamento social”. Baveca (2021, p.78) sublinha sobre o preconceito linguístico destacando o seguinte:

Falantes vão deixando de falar as línguas dos nossos ancestrais [...]. As pessoas preferem abdicarem-se das línguas africanas e enveredarem-se à LP não só por ser língua oficial, mas também por vaidade. Vive-se numa sociedade em que falar o português é motivo de prestígio.

Essa é a fotografia que ostenta as línguas africanas de Angola, particularmente, o Cokwe, porque algumas individualidades simplesmente ignoram o valor que as línguas angolanas dariam se fossem estudadas e valorizadas de facto. As pessoas criaram uma certa inferiorização sobre as nossas línguas e, isto faz-nos crer que, a imposição que o colono fez desde a sua chegada a Angola no ano de 1482, continua enraizada até aos dias de hoje. Portanto, importa, salientar que, o preconceito sobre uma língua gera desconforto e inibe o falante da mesma a realizar-se como ser social. Chega-se a achar as línguas angolanas como as menos sociais e usadas simplesmente pelos indivíduos que vivem em zonas rurais onde dificilmente a LP é falada. Nas zonas rurais, as línguas africanas de Angola têm sido conservadas e promovidas. Todos os atores políticos e não só deveriam saber que, quanto mais as línguas são faladas, mais desenvolvimento e vida terão na sociedade.

Numa dada altura, alguns pais, nos grandes centros urbanos, proibiam os seus filhos a falar Cokwe. Esta prática negativa foi observada até nas escolas, onde a Língua Cokwe, mesmo sendo materna de muitos, tinha um papel avarento na evolução ou desenvolvimento dos seus filhos. Tendo em conta a globalização, as crianças para terem contato com o mundo fora, o viável era aprender línguas como inglês, francês entre outras. A consciência que se tinha é que a Língua Cokwe em nada ajudaria na promoção

do mercado de empregabilidade e contacto com culturas não africanas. Uma experiência minha, no ano de 2004, quando fazia o ensino primário na Escola nº8 do Calonda, vulgo “Cingengo” (Ravina), sector do Calonda, município do Lucapa, na província da Lunda Norte, o preconceito ou desvalorização do Cokwe era excessiva até ao ponto de os professores partirem à agressão quando o aluno falasse Cokwe na sala de aula ou no recinto escolar.

Aos olhos dos professores, os que falassem Cokwe eram incultos, de extrato social baixo, não assimilavam e nem eram sociais. Com esta convicção imposta, os alunos em todos os lugares onde fossem, sobretudo, nas brincadeiras, quem ousasse proferir qualquer palavra em Cokwe tinha de ser agredido até que se desculpasse perante aos outros, daí que muitos preferiam isolar-se dos outros com medo de represálias. Porém, nos dias de hoje, é possível ver que por causa dos documentos escritos em e sobre as línguas nacionais fizeram com que as pessoas tivessem uma certa valorização sobre elas.

No nosso contexto, um grande grupo de indivíduos faz uso do Cokwe em casa, porém no trabalho e na escola bastante limitado, esse grupo, dados que já dão alguma satisfação, mas perguntas como “afinal falas Cokwe?” E, declarações como “não sabia que falavas Cokwe”, têm sido frequentes no dia a dia. Com este comportamento social, alguns falantes de língua africana Cokwe ficam confusos e receosos porque pensam que esta língua, como sendo africana,

não permite o acesso aos domínios oficiais da vida nacional numa intercomunicação em todo o território nacional. Este aspeto é polémico, na medida em que, na atual política linguística de Angola, o português é oficial mas não nacional, ao passo que as línguas autóctones são nacionais mas não oficiais, pelo que “nacional” no contexto angolano tem, de facto, o significado de nativa, e não de língua comum a todos indivíduos de uma nação (...) (Undolo, 2016, p. 55).

Lê-se em Mpanzu (2018, p.17), que “os dados do censo 2014 revelam que o português é, em Angola, a língua falada por 71% da população, com grande incidência em zonas urbanas” e, nestes meandros, pensamos que enquanto, políticas de ensino de línguas africanas de Angola não adequarem-se ao que é necessário, o processo de alienação dessas línguas vai perdurar através da forte permanência do português como língua unicamente privilegiada e legítima na sociedade e nas instituições públicas de Angola.

Língua cokwe como patrimônio cultural

Uma língua é identidade, patrimônio ou mesmo padrão valorativo cultural de um dado povo, ela é herança transmitida de geração a geração mesmo sendo influenciada por outra. A difusão da língua como cariz cultural, massifica a sua sobrevivência e consistência dentro de uma sociedade. Hagège (2000, p.57) já exortou que a língua morre “quando já não tem utilizadores (...)”. Todavia, felizmente este não é o caso de Cokwe, mas há que haver políticas que exaltam ou promovam o Cokwe como patrimônio cultural com estatuto próprio. O uso e difusão de uma língua estão relacionados com questões que podem apresentar-se sob uma natureza tripartida:

- 1) A língua como forma de construção da pessoa e de comunicação quotidiana do indivíduo, como língua materna.
- 2) A língua como veículo de escolarização de comunidades que a utilizam como língua segunda.
- 3) A língua como referência sócio-política e cultural nos espaços em que é língua estrangeira. (Mateus s.d, p.1).

As línguas africanas de Angola, não são tidas, nem achadas como veículos de transmissão de conteúdos nas escolas mesmo tendo cariz cultural, fato que persiste no pouco sucesso na aprendizagem de matérias escolares por parte dos alunos. Chomsky (1998, p.68) entende que “as línguas são transmitidas socialmente”, e este fator deve ser crucial para o desenvolvimento de Cokwe como patrimônio social, é exatamente a partir do meio social onde o hábito, costume e cultura linguística é massificada, quanto mais as pessoas falam a língua mais probabilidades de ser difundida, para que assim tenha um prestígio ou estatuto cultural.

Consciência linguística

Vários são os autores que abordam sobre a consciência linguística em diferentes âmbitos (psicologia, linguística no contexto educativo e psicolinguístico), mas o que nos interessa trazer aqui, é a consciência linguística na vertente do desenvolvimento cognitivo, metacognitivo e aprendizagem da leitura e escrita da língua Cokwe.

A consciência linguística é um estágio intermediário entre o conhecimento intuitivo e conhecimento explícito da língua. Antes da criança evoluir o que intuitivamente conhece para o então conhecimento sobre as regras ou normas que regem o uso oral e escrito da língua, nomeadamente a capacidade de identificar e designar as unidades da língua (fonemas, sílabas, morfemas, palavras, grupos sintáticos, frases, por exemplo), caracterizar as propriedades, as suas regras de combinação e seus processos, capacidade de seleção das unidades e estruturas mais

adequadas à expressão de determinados significados e à concretização de determinados objetivos em situações concretas do uso oral e escrito da língua entre outros, é preciso que tenha uma capacidade de refletir e sistematizar a língua, consciência linguística. (Duarte, 2008, pp.17-18).

Neste ponto, há que pensar que, às vezes, no contexto da centralidade do Mussunge, na Zona 1, as crianças nem o conhecimento intuitivo sobre a língua Cokwe tenham e, dificilmente, nesta perspectiva, iriam desenvolver a consciência linguística quer a nível fonológico, morfológico, lexical, sintático, quer textual e discursivo. No conhecimento ou aprendizagem de uma língua, o desenvolvimento da consciência linguística acaba por ser como processo relevante no que tem que ver com promover atitudes positivas das crianças relativamente à língua, compreensão sobre as suas variedades linguísticas de origem, reflexão sobre a língua e tomar consciência daquilo que se sabe sobre a própria língua. (Duarte, 2008).

Acredita-se pois, que o desenvolvimento da consciência linguística é um processo que deve atuar no processo de ensino-aprendizagem desde os primeiros anos que a criança frequenta a escola, quer dizer, é precisamente no ensino primário onde os professores, com a utilização de técnicas e métodos educativos eficientes, devem procurar, na sala de aula, desenvolver a consciência responsável da língua no aluno. À medida que a criança for atualizando as suas estruturas linguísticas, o seu conhecimento metalinguístico evolui através dos estímulos ou intercâmbio recebido no seio onde vive. Com a prática que a criança for fazendo sobre a língua, para além de actividades primárias da língua, i.e., falar e ouvir são exigências para o desenvolvimento linguístico (Sim-sim, 1998). Dito de outro modo, enquanto não houver prática constante sobre a língua, não é possível esperar que se desenvolva a consciência linguística, facto que pensamos estar a caracterizar as famílias na centralidade do Musungue.

A aprendizagem de conteúdos gramaticais por parte de alunos, deve ter em conta a classe ou nível que frequenta, então, o exercício sintático que visa identificar a lógica ou sentido da frase, os constituintes imediatos (ou não) da frase, a organização e sequência de palavras na frase, o domínio sobre as regras sintáticas é um trabalho que resulta da consciência linguística do aluno. Para desmistificar a par e passo a segmentação dos elementos da língua (funcionamento da língua), o conhecimento profundo é fundamental, quer isso dizer que, quanto mais a criança compreender sobre funcionamento da língua (a nível sintático, morfológico, lexical, discursivo, fonético/fonológico), maior será a consciência linguística para evolução do conhecimento explícito da língua.

O desenvolvimento da consciência linguística na criança, como já referimos antes, deve partir dos estímulos que os pais vão protagonizando nos primeiros anos de vida, este processo não deve ser encarado como mero exercício em torno da língua, mas como um conhecimento necessário que a criança vai levar aos anos subsequentes, de modos, a desenvolver as suas habilidades sobre a língua. Observa-se, a título de exemplo, uma grande diferença entre crianças que vivem em zonas urbanas e das que vivem em zonas rurais quanto à fala da língua Cokwe, as das zonas urbanas nota-se, de facto, que não têm conhecimento sobre Cokwe, é de pouco interesse, aspeto forçado pelo ambiente familiar. Todavia, as das zonas rurais com estímulos de aprendizagem protagonizados no meio familiar sobre Cokwe, favorecem, incentivam o desenvolvimento da consciência linguística de Cokwe, com efeito, quando um ambiente familiar carecer de factores que vão servir de incentivo para o desenvolvimento da consciência linguística da criança, pouco será o conhecimento sobre a língua fruto do que herdou no seio familiar.

Procedimentos metodológicos

Neste seção abordamos, primeiramente, sobre os métodos que nos possibilitaram realizar a pesquisa, pois, rigorosamente, a escolha dos métodos, assim como a justificação para a sua utilização é fundamental para que, pesquisas como esta, sejam contínuas para que as línguas africanas estejam no patamar que lhes é devido. De seguida, apresentamos um conjunto de perguntas e respostas que resultam da colheita de dados (por questionário e entrevista). Eis os métodos que foram utilizados: Observação: para Cervo *et al.* (2014, p.31):

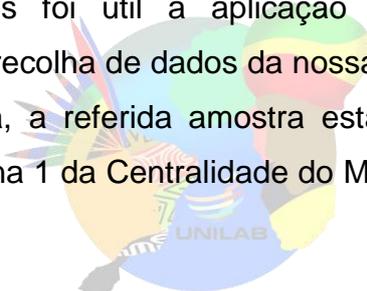
Observar é aplicar os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso. A observação é de importância capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples conjectura e adivinhação.

A pesar de ser considerado como método natural, na nossa investigação, a observação levou-nos a constatar de forma direta sobre o fenómeno em estudo para tirarmos evidências claras com fundamento, entramos em contacto direto com os munícipes para assim analisarmos o comportamento ou a forma de proceder quanto a fala de Cokwe. Gil (2002) entende que a pesquisa descritiva está consubstanciada no que diz respeito explicar as características de uma população ou fenómeno. A este respeito, este método permitiu-nos, em primeiro plano, explicar os diferentes teóricos sobre o

fenômeno em estudo e, em segundo plano, descrever ou mostrar as particularidades ligadas a dimensão da consciência linguística em Cokwe dos munícipes da Zona 1 da referida centralidade. Marconi e Lakatos (2003, pp.85,92) lê-se que:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal (...), o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam. o dedutivo tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas.

Na nossa investigação, estes métodos nos foram úteis por inferirmos sobre o que está na base de desvalorização de Cokwe através do que se constatou, a saber: a falta de estímulo da fala de Cokwe no seio familiar, as políticas linguísticas inadequadas, a ausência de ambientes proporcionadores de difusão ou emancipação de Cokwe entre outras. Com efeito, a partir do paradigma que se constatou nos munícipes da Zona 1 tendo em conta a consciência de Cokwe fizemos algumas conclusões. Para além dos métodos acima, também, nos foi útil a aplicação de inquérito e entrevista por questionários como técnica de recolha de dados da nossa amostra que, intencionalmente, corresponde a população. Ora, a referida amostra está constituída por sessenta (60) residentes (pais e filhos) da Zona 1 da Centralidade do Musungue do Dundo, província da Lunda Norte, Angola.



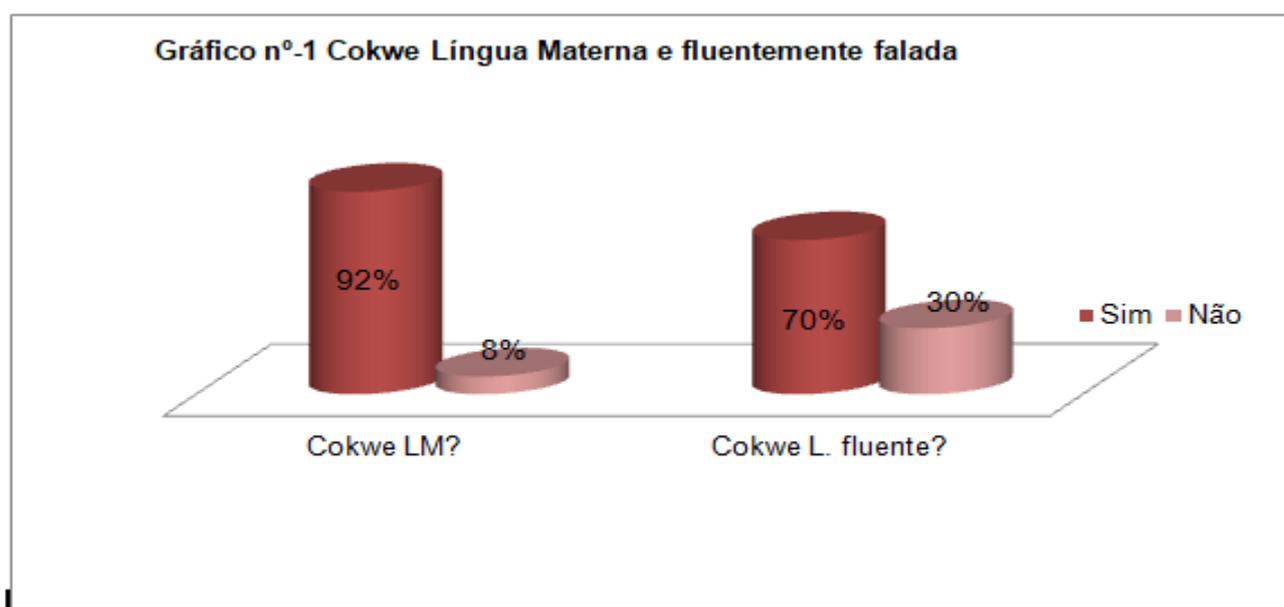
Apresentação, análise e discussão dos resultados

De referir que, aplicamos 50 inquérito por questionário aos pais e aos filhos optamos por aplicar dez (10) entrevistas, com perguntas previamente formuladas. Somos, também, a realçar que a nossa opção de aplicação do inquérito por questionário aos pais, é justificada por se acreditar que possuem conhecimento explícito de Cokwe, como a faixa etária dos mesmos está abaixo dos anos 90, intuiu-se que, geralmente, sejam detentores da fala de Cokwe como LM e, por sua vez, conhecem as regras que norteiam o uso oral e escrito dessa língua.

A entrevista aos filhos surge pelo facto de querer, pelo menos, explorar, o conhecimento intuitivo do Cokwe que, sobretudo, assenta na oralidade. Como a globalização, para a juventude, no nosso contexto, tem o sentido de viver à moda europeia, a aplicação de entrevista aos filhos serviu-nos como uma estratégia para analisar a dimensão oral de Cokwe e a forma como os mesmos caracterizam ou acham

Cokwe (como língua que tem que ver com a cultura ou língua sem relevância nenhuma) e, de outro modo, analisar através do hábito impulsionado pelo meio envolvente (familiar, escolar) a dimensão do estímulo que as crianças na Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo herdam quanto à fala de Cokwe, neste caso, as atitudes que os pais e professores tomam para que a língua Cokwe permaneça na consciência da criança tal como se pode ler em Undolo (2020, p.12) “para que a criança fale, ele deve ser estimulada permanentemente”.

Resultado do inquérito por questionário aplicado aos pais



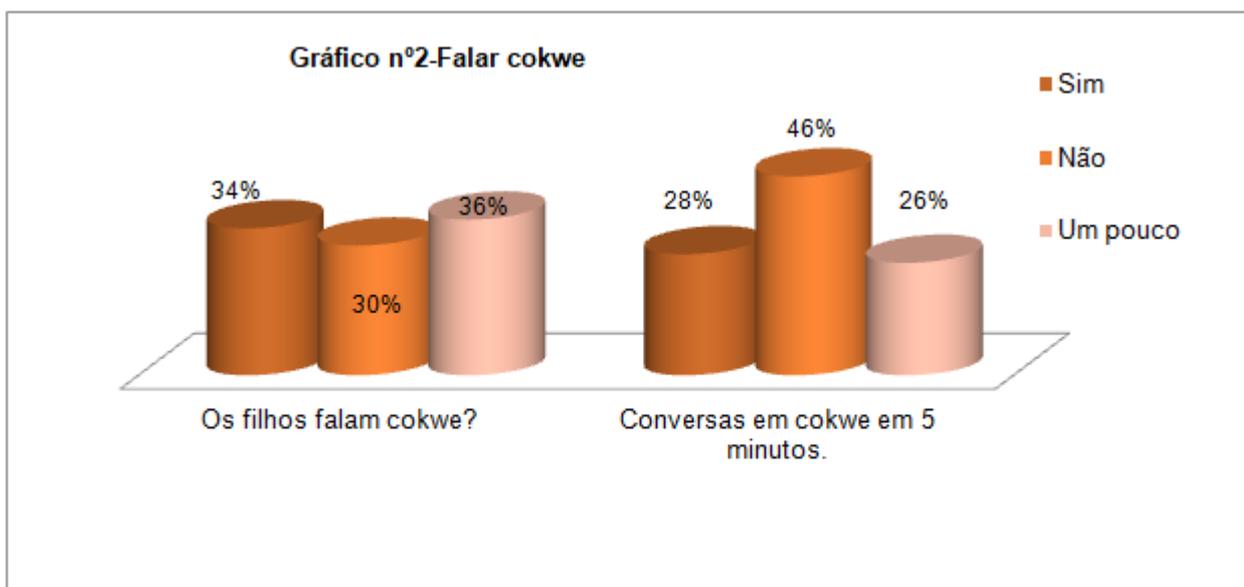
Fonte: Elaboração própria.

Interpretação da figura nº1

Relativamente, ao gráfico acima, pedimos, em primeiro lugar, aos inquiridos que opinassem sobre Cokwe como Língua Materna (LM) onde 92% afirmaram que era a sua LM e 8% não. Por outro, perguntamos se falavam Cokwe fluentemente, a esse respeito, 70% afirmaram que sim e 30% não.

Os números que tivemos, no gráfico acima, são satisfatórios, porém quase todos os inquiridos como são da faixa etária dos 30 a 70 anos afirmam que Cokwe é sua LM, a nada se justificaria quando questionamos se falavam Cokwe fluentemente, alguns, diziam que não, para estes, não se trata apenas de uma questão de não saber falar a língua,

mas, são, exatamente, dos que institucionalizam a desvalorização de Cokwe no seio familiar e social.



Fonte: Elaboração própria.

Interpretação da figura n°2

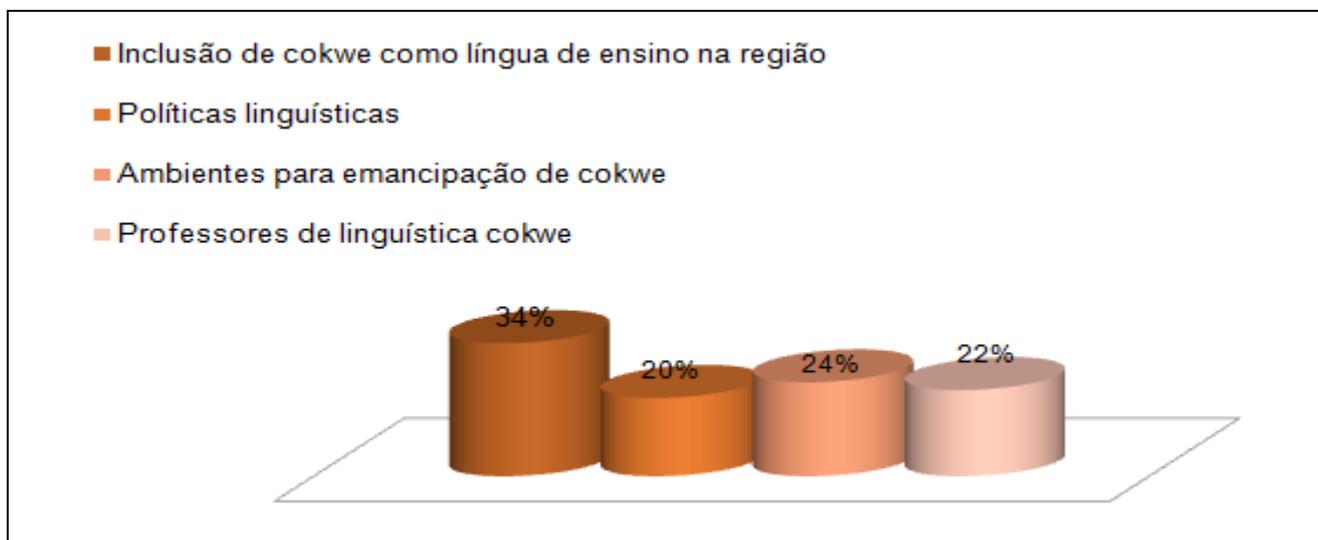
Como a prática/exercício constante é crucial para o desenvolvimento da consciência linguística, 34% dos pais afirmaram que os seus filhos falam Cokwe, 30% não e 36% um pouco. Relativamente às conversas em Cokwe com os filhos durante pelo menos 5 minutos, 28% afirmaram que têm tido, 46% não e 26% um pouco.

Importa dizer que é preocupante quando uma língua é materna tal como 92% dos pais no primeiro gráfico afirmaram, mas dificilmente falada no seio familiar, entendemos nós que este facto é consequência de o português permanecer como única língua de grande privilégio até no ambiente familiar, há uma certa dimensão excessiva de constructo mental europeizado que os pais pretendem transbordar aos filhos, ao contrário, deviam saber que “através da língua materna inicia-se o processo de socialização, o ser humano começa a interpretar e compreender o meio que o rodeia e faz com que o indivíduo se identifique com a sua cultura”. (Naeuge, 2017, p.23).

Foi claro inferir, nas questões acima, que os pais não dão importância à sua cultura e nem pretendem que os seus filhos herdem-na, estão mais preocupados em inculcar aos filhos hábitos e costumes europeus por meio do português, inglês e francês e, os filhos,

por sua vez, identificam-se com cultura europeia, acabando por crescerem num meio social sem estímulo ou exploração do Cokwe.

Figura 3: O papel do Estado para a valorização e desenvolvimento da consciência linguística em Cokwe



Fonte: elaboração própria.

Interpretação da figura nº3

O Estado como entidade com um papel fulcral para a valorização e consciencialização da língua, 34% dos pais afirmaram que deve incluir Cokwe como uma das línguas de ensino na região leste, 20% disseram ser preciso que se implemente políticas linguísticas de Cokwe que vão em conta ao contexto de ensino, 24% afirmaram que a criação de ambientes para emancipação de Cokwe é também imperativo e 22% disseram que não há escolas de especialização em Cokwe, dizendo, também, que era preciso formar professores de linguística Cokwe. Maia (2006, p.234) em referência às ideias de Haugem, sobre a política linguística, levanta a situação de atitude que o falante deve levar a cabo sobre a sua língua dizendo:

Por mais que se mobilizem políticas linguísticas, educacionais ou culturais em prol da preservação de línguas minoritárias, estas terão, de facto, chances reduzidas de sobrevivência em um mundo globalizado, a menos que a população de falantes valorize e seja firme na decisão de mantê-las, garantindo a sua transmissão regular às novas gerações. Atitudes afirmativas, apoiadas em micro-políticas de preservação, podem obter resultados eficazes e surpreendentes, promovendo a auto-estima e contribuindo para garantir a sobrevivência das línguas. (Maia, 2006, p.234).

Na sua pesquisa mais recente, refletindo em torno das línguas africanas de Angola, Mabilia (2021, p.223), sugere “a inserção das línguas nacionais angolanas de origem bantu e dos grupos Khoi-San no sistema nacional de ensino lá onde a sua utilização é maioritária em comparação com a LP”. É importante que falemos as nossas línguas independentemente de viver em zonas rurais ou urbanas, é legítimo que as pratiquemos sempre todos os dias e, ensiná-las aos nossos filhos, para preservar e valorizar as nossas línguas não é, necessariamente, que o estado gize receitas de como, mas partir, também, em atitudes muito práticas e simples (falar a língua no seio familiar), começadas sobretudo em nossas residências tal como já asseguramos na figura nº2.

Resultado da entrevista realizada aos filhos dos munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue

Para a comprovação de afirmações feitas pelos pais, optamos em entrevistar 10 filhos, dos quais, caracterizamo-los da seguinte forma: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9 e A10. Principais perguntas e respectivas respostas:

1- Falas Cokwe?

1.1. Se a tua resposta for "sim", onde aprendeu a falar o Cokwe?

Nesta questão, as respostas foram: Não falo Cokwe (A1). Não falo porque acho ser uma língua muito tradicional (A2). Falo mais ou menos Cokwe com a minha avó (A3). Não falo Cokwe (A4). Sim, falo, aprendi a ouvir pessoas em casa a falarem (A5). Não falo Cokwe (A6). Não falo, mas gostava de falar, o problema é que não tem onde posso aprender, as escolas profissionais só ensinam francês e inglês (A7). Sim, falo, aprendi em casa (A8). Não falo Cokwe, é língua dos avós (A9). Nunca tive interesse de falar Cokwe (A10).

2- Os teus pais incentivam-te a falar Cokwe em casa?

Os pais não me incentivam a falar Cokwe em casa (A1); nunca os meus pais falaram Cokwe comigo (A2); às vezes, me incentivam (A3); nunca os pais me incentivaram a falar Cokwe (A4); as pessoas de casa, os meus pais e irmãos têm-me incentivado a falar Cokwe (A5); jamais me incentivaram (A6); os pais me incentivam (A7); não falam e nem me incentivam (A8); Nunca falei Cokwe com os pais, nunca me incentivaram (A9); não sou incentivada a falar Cokwe (A10).

3- Preferes falar Cokwe ou Português? Todos preferiram falar português.

- 4- Falas Cokwe na escola? Todos afirmaram que não têm tido conversas, quer na aula ou no recinto escolar em Cokwe.
- 5- Entre a Língua Cokwe e Inglês ou Francês, qual preferes aprender? Todos responderam que o inglês é a língua que preferem aprender, exceto A9 e A10 que preferem aprender francês.
- 6- Interprete e traduza as seguintes frases respondendo em Cokwe:
Kulonga txe txuma hano haxí. (Estudar é tudo aqui na terra)
Vumbi wanangana. (Respeitar é ser exaltado)
Ninguém conseguiu interpretar e traduzir as frases em destaque, exceto A7 que mais ou menos o fez.

Breve inferência sobre os resultados de entrevista

As crianças (filhos da Zona 1 da Centralidade do Mussugue) passaram a fase de aquisição da língua Cokwe sem estímulos linguísticos, como não é possível adquirirem a língua naturalmente, na fase de aprendizagem da língua Cokwe, precisam de estímulos referentes a esforço, prática e exercício. A partir dos resultados obtidos na entrevista, os filhos por falta de estímulos criaram “manifestações de perda de auto estima e complexos em assumir as suas línguas maternas” (Mingas, 2021,p.379). Os pais não praticam Cokwe com os filhos, estes por sua vez, perderam interesse, envergaram na paixão excessiva pelo português e outras línguas (inglês e francês).

De acordo com Duarte, “a escola tem um papel decisivo no alargamento do conhecimento intuitivo de cada criança, na aprendizagem da leitura e da escrita e no desenvolvimento da sua consciência linguística até estádios superiores de conhecimento explícito”. Duarte (2008, p.10). O papel que a escola tem para o contributo de ensino de língua passou a ser figurado, no nosso contexto, o que diz ser inclusão de línguas nativas no processo de ensino, passou a ser desperdício, há indícios de má adoção de metodologias para ensino de Cokwe e, conseqüentemente, o quadro que se vive nas escolas é a falta de conversas em Cokwe pelas crianças. O ensino só é verificado quando os professores, na sala de aula, trazem receitas de tradução de palavras ou frases de Cokwe para português, com esta prática dificilmente obteremos resultados satisfatórios.

Considerações finais

As línguas, do ponto de vista social, podem ser classificadas de acordo com o estatuto e importância que apresentam no mundo. Este aspeto não tira o apanágio de que as menos conhecidas no mundo não sejam exploradas, incentivadas e estudadas. Ao longo do nosso trabalho foi possível perceber que os munícipes da Zona 1 da Centralidade do Musungue exploram muito pouco a língua Cokwe.

Enquanto o Estado Angolano não gizar políticas que realmente façam sentido no contexto, com técnicas e procedimentos adequados as línguas africanas de Angola continuarão “asfixiadas” pelo português. A sociedade está mais interessada em falar português, inglês, francês entre outras línguas europeias, este facto é, para nós, uma grande preocupação. Os pais, através de práticas simples, devem estimular os seus filhos no ambiente familiar a falar Cokwe, o Estado deve averiguar e concluir o que está na base das pessoas optarem por falar as línguas referidas e abdicarem-se totalmente das nossas.

A inclusão de línguas africanas de Angola no sistema de ensino é uma política salutar, mas que precisa de ser pensada. Está mais ideal do que real, como já dissemos no início, jamais teremos um ensino de línguas com frutos desejosos enquanto não houver especialistas (professores formados em linguística Cokwe), programação eficaz e o seu processo de operacionalização eficiente. As pessoas tomarão apenas a iniciativa de ensinar, incentivar e reduzirem o preconceito linguístico do Cokwe, quando estes, realmente, reconhecerem que a mesma carrega costumes, tradições, estilo de vida e experiência do povo Cokwe.

Referências

- Angola. Lei nº 32/20, de 12 Agosto: *Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino*. Diário da República. I Série – N. 123.
- Baveca, M. Nv. (2021). *Fenómeno da desvalorização da língua Ibinda pelos jovens do bairro Marien Ngouabi: uma incursão aos factores sociolinguísticos da cidade de Cabinda*. Dundo: Revista Kulongesa, pp.76-78.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva da, R. (2014). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education. 6ªed.
- Chomsky, N. (1998). *Linguagem e Mente: pensamento atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Universidade de Brasília.

- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção geral de inovação e Desenvolvimento curricular.
- Gaspar, S. I. N. F. (2015). *A Língua Portuguesa em Angola: contributos para uma metodologia de Língua Segunda*. Lisboa: Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade nova de Lisboa.
- Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: editora atlas s.a. 7ªed.
- Hagège, C. (2000). *Não à Morte das Línguas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- INE. *Resultados definitivos Recenseamento Geral da População e Habitação-2014. Província da Lunda Norte*. (2016). Luanda-Angola: INE.
- Mabiala, F. S. M. *Um olhar sobre ensino de LP em Angola. Um olhar sobre ensino de LP em Angola: reflexões acerca da conjugação verbal nas provas dos candidatos aos cursos da EPLN/2019*. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), 1 (2): 205-226.
- Maia, M. (2006). *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*. Brasília: Edições MEC/Unesco.
- Marconi, M. d. A. & Lakatos E. M. (2013). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: editora atlas s.a. 5ªed.
- Mateus, M. H. M. (s.d). *Mesa redonda sobre Uma política de língua para o português, Objectivos e estratégias de uma política linguística*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / ILTEC, p.1.
- Miguel, M. H. (2003). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda: Editorial Nzila.
- Mingas, A. A. (2000). *Interferência do Kimbundo no Português Falado em Luanda*. Luanda: Edições CHÁ DE CACHINDE.
- Mingas, A. A. (2021). *Línguas e culturas em Angola*. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.377-385, jul./dez. 2021.
- Mpanzu, M. (2018). *Tendência Atuais no Ensino-aprendizagem da gramática das línguas não maternas*. Luanda: ECO7.
- Naege, J. M. (2017). *Da Norma à Variação: Estudo de Caso Sobre o Uso do Conjuntivo no Português de Angola*. Évora: Tese para obtenção do Grau de Doutor em Linguística.
- Sim-sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Undolo, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: Subsídios para se Estudo Caxito: ESP-Bengo*.

Undolo, M. (2020). *Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Luanda: Edições ECO7.

Zau, D. G. D. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola. Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Covilhã: Tese para obtenção do Grau de Doutor em Letras.

Recebido em: 03/02/2022

Aceito em: 25/05/2022

Para citar este texto (ABNT): MUAQUIXE, José Corindo. Consciência Linguística em Cokwe: estudo realizado aos municípios da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo (Angola). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 1, p.325-345, jan./jun.2022.

Para citar este texto (APA): Muaquixe, José Corindo. (jan./jun.2022). Consciência Linguística em Cokwe: estudo realizado aos municípios da Zona 1 da Centralidade do Musungue/Dundo (Angola). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 325-345.